

MISSÕES MUNDIAIS II

Missões Mundiais II : Sumário

Notas -

AULA N° 1:

I. História e Estrutura.

AULA N° 2:

II. A tarefa restante.

AULA N° 3:

III. Alcançar os não-alcançados.

AULA N° 4:

IV. Evangelismo, Desenvolvimento e Implantação de Igrejas.

AULA N° 5:

IV. Evangelismo, Desenvolvimento e Implantação de Igrejas. (cont.)

V. Trabalho de equipa cristão a nível mundial.

Avaliação.

MISSÕES MUNDIAIS II

Notas -

Missões Mundiais II : Avaliação

Perguntas possíveis de 20 valores

- 1) Descreva as estratégias de missões do século XIX e de que maneira estas ainda são importantes e bíblicas nos nossos dias (pág. 138).
- 2) Descreva a “mega-esfera tribal” e apresente algumas ideias relacionadas com a sua evangelização (pág. 153).
- 3) Porque poderíamos afirmar que existem, de facto, apenas duas religiões no mundo? De que maneira isto afecta o evangelismo mundial (pág. 153, 154).
- 4) Com base em Mt 28:19, 20, discuta os “alvos correctos” das missões (pág. 155).
- 5) Explique o primeiro princípio de Patterson da multiplicação espontânea de igrejas. Ou seja, explique o que ele quer dizer com “olhar para os campos” (págs. 167, 168).
- 6) Discuta o princípio da reprodução na implantação de igrejas explicando a diferença entre estratégias eficazes e estratégias ineficazes (págs. 172, 173).

Perguntas possíveis de 10 valores

- 1) Defina “estratégia” (pág. 132).
- 2) Descreva uma maneira como as estratégias nos podem ser úteis (págs. 133, 134).
- 3) Defina o significado bíblico de “nação” (pág. 143).
- 4) Dê um exemplo de “mini-esfera” (pág. 144).
- 5) Qual é a principal diferença entre evangelismo “E-1”, “E-2” ou “E-3” (pág. 144)?
- 6) Enumere três tipos de barreiras culturais (pág. 146).
- 7) Descreva em breves palavras o budismo (pág. 148).
- 8) Descreva uma razão pela qual é difícil alcançar o povo chinês com o evangelho?
- 9) O que é o grande desequilíbrio (pág. 151)?
- 10) Quais são as duas coisas mais básicas e únicas que o cristianismo tem para oferecer a todas as pessoas (pág. 153)?
- 11) O que é um “movimento popular” (pág. 159)?
- 12) Explique uma estratégia de desenvolvimento (pág. 165)?

MISSÕES MUNDIAIS II

Notas -

A série de cursos ‘Missões Mundiais’:

A série ‘Missões Mundiais’ é composta por três cursos, os quais são baseados e adaptados da série editada por Jonathan Lewis. A série está disponível em língua espanhola e pode ser encomendada à editora ‘William Carey Library Publishers, P.O. Box 40129, Pasadena, CA 91114 - Tel.: 818-798-0819, EUA’.

Estes materiais são utilizados com a “devida autorização”.

Os três cursos sobre Missões Mundiais:

1. Missões Mundiais I - Um fundamento bíblico/histórico.
2. Missões Mundiais II - A dimensão estratégica.
3. Missões Mundiais III - A dimensão transcultural.

I. História e Estrutura.

A. Actualização da História das Missões.

1. A História é o relato de como Deus tem trabalhado para remir um povo e restabelecer o Seu domínio sobre a Terra.
2. Ele escolheu fazer isto através do mesmo povo que remiu. Infelizmente, as pessoas nem sempre colaboraram. Nestas circunstâncias, Deus atingiu os seus propósitos através de exílios, perseguições, dispersões e invasões.
3. Por vezes, o povo de Deus tem respondido à Sua chamada, estabelecendo estruturas e realizando movimentos destinados a divulgar o evangelho às nações. Deus tem abençoado estes movimentos.
4. Nos últimos dois séculos, o movimento das missões protestantes cresceram de forma espantosa. Actualmente, estamos a viver aquela a que os missiologistas denominam de terceira era de expansão das missões modernas.
 - a. Esta era de missões concentra-se nos povos do mundo não-alcançados ou “escondidos”.
 - b. Estes povos estão escondidos devido a barreiras sociais, culturais e linguísticas.

MISSÕES MUNDIAIS II

Notas -

5. Como serão alcançados os povos “escondidos”?

- a. Muitos missiologistas acreditam que serão as igrejas jovens e vigorosas das nações em desenvolvimento a desempenhar o papel mais importante.²
- b. Todavia, devemos evitar os erros estratégicos do passado. Devemos aprender com os nossos erros. Devemos estabelecer estratégias eficazes.

B. A dimensão estratégica das missões.

1. A estratégia nega a direcção do Espírito Santo?

- a. Se estratégia é meramente uma tentativa humana de concluir uma tarefa, então, a resposta é “sim”. Isto pode levar a um resultado nulo (Sl 127:1).
- b. Contudo, a estratégia pode ser compatível com a direcção do Espírito Santo. Somos chamados por Deus para usarmos a nossa inteligência. Devemos usar o que aprendemos no passado e estabelecer estratégias que funcionem. Isto é feito através da direcção do Espírito e da confiança na Sua sabedoria.
- c. Recorde-se a lição retirada da parábola dos dez talentos (Mt 25:14-30).
 - 1) Dois dos servos estabeleceram estratégias. O outro não.
 - 2) Conhecemos o resultado. A estratégia é importante.

2. O que é estratégia?

- a. Peter Wagner, um renomado missiologista, diz que a estratégia é o “meio consentido para se atingir um determinado alvo”.
- b. Como se alcança um determinado objectivo? A resposta a esta pergunta definirá o que é estratégia. Temos estratégias para tudo. A pergunta não é se usamos a estratégia. A pergunta é: “Estamos a usar a melhor estratégia?”
- c. Podemos avaliar uma estratégia da seguinte maneira:
 - 1) É bíblica? Obviamente, para dizermos que uma estratégia é compatível com a direcção do Espírito, devemos poder afirmar que é uma estratégia bíblica.

MISSÕES MUNDIAIS II

- 2) É eficaz? Uma boa estratégia definirá as necessidades e os recursos, ajustando-os de forma eficaz. Devemos agora começar a falar de prioridades. Devemos fazer escolhas.
- 3) É efectiva? Uma boa estratégia sempre funcionará, dará fruto. Haverá resultados óbvios.
 - a) Devemos agora considerar a ideia de relevância. Uma estratégia deve ser relevante para a situação e altura específicas. O que resultou num determinado lugar há 25 anos pode não resultar noutro lugar hoje.
 - b) Isto remete-nos à nossa afirmação no capítulo anterior (Missões Mundiais I): “O conteúdo do evangelho não muda. O que muda é o método de se apresentar o evangelho”.
- d. Uma estratégia não se preocupa com detalhes. É uma ideia, método ou modo geral de se fazer algo. Dentro desta estratégia geral, os pormenores do quotidiano alterar-se-ão. No entanto, a estratégia global permanecerá a mesma.
 - 1) A estratégia de Paulo era ir às grandes cidades, pregar nas sinagogas e continuar a partir daí, dependendo dos resultados obtidos na sinagoga (At 17:2).
 - 2) Os pormenores quanto aos resultados eram diferentes em cada situação. A estratégia geral permanecia igual.
3. De que maneira as estratégias nos podem ser úteis?
 - a. As estratégias requerem uma dependência de Deus em oração. As estratégias devem nascer do estudo da Bíblia, do aconselhamento, da oração e das experiências com Deus.
 - b. As estratégias requerem a prática da nossa fé. As estratégias, tal como a fé, são, por natureza, orientadas para o futuro. Não é a nossa fé que está na estratégia, mas é a estratégia que deve ser efectuada em fé.
 - c. As estratégias são ferramentas que nos ajudam a comunicar com os outros e a termos consciência de que estamos a colaborar com Deus. Podemos utilizar uma estratégia para informar outros de planos acerca do ministério, da filosofia do ministério, de alvos, etc.

Notas -

MISSÕES MUNDIAIS II

Notas -

- d. A estratégia obriga-nos a ter uma orientação. Ela ajuda-nos a sermos pessoas de visão e de acção. Uma estratégia específica exclui necessariamente todas as outras estratégias. Isto é importante. Devemos estar atentos ao alvo. Uma pessoa com visão para tudo é, na verdade, uma pessoa sem qualquer visão. Tais pessoas não estão atentas a alvo algum. Elas nunca concluem nada apesar de estarem envolvidas em tudo ao mesmo tempo. Elas não têm uma estratégia.
- 4. Quais são alguns tipos diferentes de estratégias?
 - a. A estratégia “solução padrão”. Este tipo de estratégia determina a maneira específica de se fazer algo. Posteriormente, a mesma estratégia é utilizada em todas as situações.
 - b. A estratégia “estar a caminho”. Esta estratégia parece ter falta de estratégia. Não há quaisquer planos para o futuro. Parte-se simplesmente do princípio de que Deus o conduzirá à etapa seguinte quando for a altura.
 - c. A estratégia “planear até onde se possa ver”. Esta estratégia faz planos para começar algo. Deus completará a tarefa. Concentra-se em começar as coisas em vez de se concentrar nos resultados.
 - d. A estratégia “solução ímpar”. Esta estratégia presume que cada situação é diferente. Deve haver uma estratégia especial para cada situação.
 - e. Sobretudo, a “estratégia da solução ímpar” é a mais forte, ainda que se possa argumentar que qualquer uma das três estratégias acima possa ser a “solução ímpar” para uma determinada situação.
 - 1) O principal é lembrarmo-nos que devemos ser guiados pelo Espírito Santo. Isto implica acções e decisões. Devemos ser equilibrados.
 - 2) Alguém disse: “Devemos orar como se não pudéssemos planear e planear como se não pudéssemos orar”.

MISSÕES MUNDIAIS II

C. História da Estratégia das Missões.

Notas -

Comentário do autor:

Podemos aprender acerca da estratégia das missões estudando a sua história (Mt 13:52). Os seguintes pontos resumem a história das missões do século VIII aos nossos dias.

1. No século VIII, missionários de Inglaterra foram para o continente europeu, guiados por um missionário de nome Bonifácio, o qual utilizou várias estratégias.
 - a. Utilizou uma linguagem que as pessoas entendiam.
 - b. Educou e civilizou as pessoas.
 - c. Usou de agressão contra as religiões pagãs.
 - d. Recebeu apoio da igreja “da terra”.
2. As Cruzadas.
 - a. Uma falsa estratégia. As cruzadas (guerras dos europeus contra os muçulmanos) de facto impediram que as missões alcançassem os muçulmanos. O ódio dos muçulmanos pelos cristãos perdura até hoje.
 - b. Contudo, algumas coisas positivas emergirão das Cruzadas.
 - 1) Francisco de Assis aproximou-se dos muçulmanos através do seu movimento de paz e amor.
 - 2) Ramon Lull utilizou uma estratégia de debates para alcançar os muçulmanos.
3. Expansão colonial.
 - a. Entre os séculos XVI e XVIII, o cristianismo tornou-se uma religião mundial. Os impérios português, espanhol e francês expandiram-se, alcançando terras desconhecidas e levando consigo o cristianismo.
 - b. Foram utilizadas muitas estratégias de missões. Em geral, porém, a infeliz estratégia de tomada de posse da terra, do povo e da cultura era a mais comum.

MISSÕES MUNDIAIS II

Notas -

4. Estratégias de missões no século XVII.
 - a. Foram escritos manuais católicos romanos sobre princípios missionários.
 - b. Os jesuítas tornaram-se pioneiros das missões encarnacionais. Começaram a desenvolver estratégias para a indigenização.
 - c. Foram para a China, Japão e Índia e começaram a vestir-se e a falar como as pessoas locais. Adoptaram muitos dos costumes locais e procuraram fazer com que os novos convertidos permanecessem dentro da sua cultura.
 - d. Usaram a sua cultura e treinamento superiores para praticar o que poderia chamar-se de “estratégia Daniel”. Tal como Daniel, eles influenciaram as pessoas à sua volta com as suas posições de liderança na sociedade. Estas posições eram-lhes atribuídas devido à sua educação e às suas capacidades.
5. Puritanos da Nova Inglaterra: Missões para os Índios Americanos.
 - a. Os puritanos eram os colonos originais dos Estados Unidos da América. Eles emigraram para a América porque queriam “purificar-se” da carnalidade da Igreja de Inglaterra da altura.
 - b. Temos aqui o início das missões protestantes (séc. XVII). A colonização da América resultou na conversão dos Índios.
 - c. Os missionários puritanos começaram a desenvolver várias estratégias:
 - 1) Evangelismo através de pregação pública.
 - 2) Organização de igrejas.
 - 3) Organização de cidades cristãs que separavam os novos cristãos do seu próprio povo.
 - 4) Ênfase na educação e civilização.
 - 5) Traduções da Bíblia e de outros tipos de literaturas usadas no ministério.
 - 6) Uso da língua local.
 - 7) Treinamento de ministros locais.

MISSÕES MUNDIAIS II

6. A missão Danish-Halle (Alunos universitários da Dinamarca).
 - a. A ideia de uma agência de envio de missionários começou quando o rei da Dinamarca enviou missionários para a Índia.
 - b. Estes missionários usaram a medicina e o estudo e conhecimento das religiões locais, assim como outras estratégias.
7. Missões morávias (Cristãos da Morávia, actualmente parte da Alemanha).
 - a. O movimento das Missões Morávias no século XVIII pode ter fornecido as bases para o moderno movimento dos “povos escondidos”.
 - b. A sua ênfase recaía sobre os povos desprezados e esquecidos.
 - c. Utilizava também a estratégia “fabrico de tendas” (os missionários auto-sustentavam-se financeiramente).
8. O grande século das missões protestantes.
 - a. O século XIX caracterizou-se por um grande avanço nas missões e na estratégia missionária.
 - b. Ficou marcado pelo surgimento de muitas sociedades missionárias e movimentos estudantis.
 - c. Houve uma grande discussão acerca do que deveria ser prioritário: civilização ou cristianização.
 - d. As reformas sociais eram enfatizadas.
 - e. Deu-se o início de estratégias para tornar as igrejas locais independentes.
 - f. Todavia, continuou a ser usada a estratégia da estação missionária central.

Notas -

MISSÕES MUNDIAIS II

Notas -

9. Estratégias missionárias do século XIX.

- a. Teve início a estratégia dos “três auto”. Desenvolver-se-iam as igrejas que fossem:
 - 1) Auto-governadas.
 - 2) Auto-sustentadas.
 - 3) Auto-divulgadas.
- b. Enfatizava-se o efeito transformador que o evangelho surtiria na sociedade.
- c. Enfatizava-se também o ministério laico.
- d. Mais importante ainda foi a missiologia que começou a desenvolver-se sobre a liderança de homens como Rufus Anderson e Henry Venn.
 - 1) A missiologia e estratégia de Anderson baseavam-se no exemplo de Paulo e no testemunho neo-testamentário.
 - a) A tarefa do missionário era ir para áreas não alcançadas, pregar o evangelho e organizar igrejas.
 - b) O missionário não deveria ser pastor ou dirigente.
 - c) O alvo era ganhar convertidos que manifestassem mudança de vida. Não era esperar até que estes se tomassem perfeitamente maduros.
 - d) As igrejas deveriam ser formadas com liderança local.
 - e) Os missionários deveriam ser conselheiros.
 - 2) Tanto Anderson como Venn enfatizavam uma estratégia “Ide/Dai/Parti”. Eles deviam reproduzir a visão para as missões nas igrejas que implantavam. Tão breve quanto possível, os missionários deviam partir e repetir o processo noutra terra não alcançada. As missões devem produzir mais missões.

MISSÕES MUNDIAIS II

10. Uma mentalidade colonialista.

- a. Devido a uma visão negativa das capacidades dos cristãos nativos, a missiologia predominante começou a mudar. A mentalidade era a de que a única esperança para o sucesso residia no facto de os missionários deterem o controlo do ministério.
- b. Trata-se de uma missiologia trágica que conduz sempre a uma falta de crescimento e desenvolvimento. Este continua a ser um problema nas missões actuais.

11. Evangelismo, educação e medicina - esta estratégia missionária do século XIX enfatizava as conversões individuais, a implantação de igrejas e a transformação social através do evangelismo, da educação e da medicina.

12. Cortesia mútua.

- a. Temos aqui uma expressão de “trabalho em rede”.
- b. Os conselhos das missões começaram a estabelecer estratégias em conjunto. Planearam utilizar ao máximo os seus recursos atribuindo áreas geográficas diferentes aos diferentes conselhos.

13. Consultas e conferências - Este tipo de colaboração levou à organização de grandes reuniões. Foram discutidas estratégias, planos e formas de cooperação.

14. A partir da 2ª Guerra Mundial.

- a. A missiologia e estratégia mais influentes foram a de Roland Allen. Ele desenvolveu o trabalho iniciado por Rufus Anderson e baseou a sua estratégia no exemplo de Paulo.³
- b. Infelizmente, na actualidade muitas estratégias para as missões têm esquecido o trabalho de Roland Allen. Muitas missões estão a enfrentar dificuldades para superar o paternalismo.
- c. São necessárias novas estratégias e missiologias claramente baseadas na Bíblia e que sigam o exemplo paulino do “Ide/Dai/Parti”.

Notas -

MISSÕES MUNDIAIS II

Notas -

D. Duas estruturas de expansão.

1. Vimos de que maneira as estruturas missionárias têm influenciado as missões. Serão bíblicas estas estruturas? As igrejas locais deveriam ser as únicas responsáveis pelas missões?
2. Ralph Winter, um líder de missões reconhecido internacionalmente, acredita que houve sempre duas “estruturas de redenção” ao longo da história. Ele acredita que estas duas estruturas são representadas actualmente pela igreja local e pela sociedade ou agência de missões. Ambas devem ser aceites e empregues.
 - a. Estruturas de redenção nos tempos neo-testamentários.
 - 1) Havia a igreja do Novo Testamento.
 - 2) Havia também a equipa missionária formada pelo apóstolo Paulo.
 - a) Eles foram enviados pela igreja local. Porém, eram independentes. Eles auto-sustentavam-se e recebiam apoio de várias igrejas.
 - b) Eles eram membros da primeira estrutura, mas fizeram um compromisso extra com a segunda estrutura. Esta segunda estrutura era diferente da primeira. Não se tratava simplesmente da extensão da igreja de Antioquia.
 - 3) Estas duas estruturas pareciam ter raízes judaicas.
 - a) A igreja local era influenciada pela sinagoga.
 - b) As equipas missionárias eram influenciadas pelas equipas evangelistas judaicas (Mt 23:15).
 - b. O desenvolvimento primitivo de estruturas cristãs dentro da cultura romana.
 - 1) A igreja do Novo Testamento passou a ser influenciada pela cultura romana. Tornou-se menos independente. Passou a existir a organização de igrejas sob uma diocese.
 - 2) As equipas missionárias também tinham um parceiro cultural. Sob influência das estruturas militares romanas, a estrutura da “segunda decisão” começou a tomar a forma de mosteiro. Muitos destes movimentos monásticos (que incluíam aqueles que fizeram um compromisso extra além daquele que já fora feito com a primeira estrutura) eram evangelísticos.

MISSÕES MUNDIAIS II

c. O período medieval.

Notas -

- 1) Nesta altura, a distinção entre as duas estruturas tornou-se mais óbvia. Ao mesmo tempo, a cooperação entre as duas estruturas tornou-se mais essencial.
 - a) A diocese começou a enfraquecer. Já não tinha uma estrutura estabelecida para a expansão.
 - b) O mosteiro permaneceu forte. A sua estrutura era útil para a expansão. Muitas vezes, a primeira estrutura ia buscar ajuda à segunda. A estrutura da diocese pediu à estrutura do mosteiro para fazer missões em seu nome.
 - c) O mosteiro cooperou. A diocese precisava do mosteiro. O mosteiro precisava da diocese.
 - (1) Estamos aqui a falar acerca do trabalho conjunto entre a realidade histórica do movimento de renovação e a instituição.
 - (2) A estrutura institucional da Igreja precisa da estrutura de renovação da Igreja (a qual é baseada num compromisso extra) para lhe dar vida.
 - (3) A estrutura de renovação precisa da estrutura institucional para organizar os seus frutos.
- 2) Isto é exemplificado pelo movimento franciscano e, mais tarde, pelo avivamento metodista.

d. A forma protestante da segunda estrutura.

- 1) Salvo algumas exceções (Movimento Pietista e Movimento Wesleyano), o movimento protestante tentou abandonar a estrutura de renovação da Igreja (o que chamamos hoje em dia de ministérios “paraigreja”). Curiosamente, este movimento também abandonou as missões.
- 2) Por fim, a segunda estrutura (de renovação) foi desenvolvida. Foi chamada de sociedade de missões.

MISSÕES MUNDIAIS II

Notas -

- e. O mal-entendido contemporâneo da segunda estrutura da Igreja.
 - 1) O movimento protestante pareceu desde sempre duvidar da validade da segunda estrutura. A sua ênfase recai sobre a igreja local (a primeira estrutura) levou a que negasse a validade da segunda estrutura.
 - a) Deste modo, as agências missionárias originalmente independentes foram muitas vezes “engolidas” por controlo centralizado da igreja (deve-se entender que as agências da “segunda estrutura” não devem usurpar a autoridade das igrejas locais...de facto, para poderem representar uma estrutura válida, devem servir e apontar para a igreja local).
 - b) Além disso, as agências missionárias denominacionais implantam igrejas mas não fundam agências missionárias. Todavia, quando uma igreja é implantada, dever-se-ia incluir também a implantação de uma estrutura que fosse além da igreja.
 - c) Uma “equipa apostólica de implantação de igrejas” deveria implantar uma igreja que reproduza dois conjuntos completos da equipa. Ficaria um conjunto que seriam os líderes da primeira estrutura da igreja. O segundo conjunto faria o que fez a equipa original, tornando-se a segunda estrutura da igreja (enviada pela igreja local com uma visão direccionada para a implantação de outras igrejas locais e com autoridade própria, sob o domínio de Deus, respeitando tanto a autoridade da igreja local que enviou como a autoridade da igreja local que será por ela fundada).

MISSÕES MUNDIAIS II

II. A tarefa restante.

Notas -

A. As nações e a evangelização transcultural.

1. Nações e países.

- a. Na Bíblia “nação” é o mesmo que “país” (entidade política com fronteiras geográficas)?
 - 1) De modo algum! A palavra grega para nação é “ethnos”. Ou seja, uma unidade ou grupo étnico.

Ilustração do autor

Por exemplo, nos EUA existe a nação “Cherokee”, que distingue uma determinada tribo indígena.

Insira a sua ilustração:

- a) A mesma ideia encontra-se no Velho Testamento. Em Gn 12:3, Deus diz a Abraão: “Em ti serão abençoadas todas as nações da terra”. A palavra hebraica para “nação” corresponde a grupos de pessoas.
 - b) Em Ap 5:9 e 10:11, isto é ainda mais óbvio. A palavra “nação” é usada juntamente com “povos, tribos, línguas e reis”.
- 2) Contudo, a maior parte dos cristãos pensam em países quando lêem Mt 28:19.
 - 3) Porém, há países como a Índia, por exemplo, que possui 3.000 **nações** em termos bíblicos.

MISSÕES MUNDIAIS II

Notas -

- b. Obviamente, uma perspectiva de grupo de pessoas (em oposição à ideia de país) afectará a nossa estratégia para as missões.
 - 1) Afectará as acções da nossa estratégia.
 - 2) Afectará a atitude da nossa estratégia.
 - 3) A estratégia de “povos” promove uma atitude relativa a pessoas dentro de uma cultura própria. É culturalmente sensível.

Comentário do autor:

Um grupo de pessoas corresponde a um grupo sociológico e não a um grupo político. São pessoas ligadas por factores sociológicos (língua, cultura, religião, etc.).

- 2. Mega-esferas, macro-esferas e mini-esferas.
 - a. As mega-esferas são grandes grupos culturais. Por exemplo, os muçulmanos.
 - b. Dentro das mega-esferas existem sub-unidades denominadas de macro-esferas. Por exemplo, existem “muçulmanos sunni” e “muçulmanos suffi”. Estes dois grupos seriam macro-esferas da mega- -esfera muçulmana.
 - c. Uma macro-esfera poderá ter múltiplas mini-esferas. Dentro dos “muçulmanos sunni”, existem os que falam árabe e os que falam línguas africanas.
- 3. Evangelismo E-1, E-2 e E-3 (“E” significa Evangelismo, “1, 2 e 3” são distâncias/barreiras que exigem um maior esforço por parte do evangelista).
 - a. Evangelismo E-1 é o trabalho de evangelismo local. Ou seja, a evangelização daqueles que vivem e trabalham à nossa volta. É evangelização do nosso próprio povo.
 - b. Os evangelismos E-2 e E-3 devem ultrapassar certas barreiras culturais.
 - 1) O evangelismo E-2 acontece quando uma barreira linguística precisa ser ultrapassada. Por exemplo, quando um cristão que fala um dialecto cantonense (China) vai a outro grupo que fala outro dialecto cantonense.
 - 2) O evangelismo E-3 é quando há várias barreiras a serem ultrapassadas (língua, cultura, clima, distância, etc.).

MISSÕES MUNDIAIS II

4. Evangelismo e missões.

- a. A obra do evangelismo é trazer pessoas de uma mini-esfera para uma igreja já existente.
- b. A obra das missões é levar o evangelho a áreas onde ainda não há uma igreja que possa evangelizar a sua própria mini-esfera.
 - 1) A maioria das “missões” hoje em dia são, na verdade, evangelismo. Portanto, Ralph Winter sente-se obrigado a chamá-las de “missões regulares” e reservar o termo “missões de fronteira” para o que seriam missões bíblicas.

Comentário do autor:

O autor prefere usar o termo “missões directas” quando se refere à obra que consiste em levar o evangelho a uma cultura que já possua uma igreja autóctone mas que poderá ainda não estar a evangelizar o seu próprio povo. A diferença-chave é que nas missões directas está implícita a *inexistência* de uma igreja estabelecida.

- 2) O aspecto mais importante desta discussão é o de que a ênfase das missões bíblicas não está na geografia, mas no ministério.
 - a) Simplesmente porque um cristão vai para outro país realizar um ministério não significa que ele seja um missionário. Frequentemente temos cometido o erro de definir missões em termos de espaço geográfico.
 - b) Qual é o ministério realizado pelo cristão no outro país? Isto definirá se ele é ou não um missionário. É preciso definirmos missões em termos de “missão”. Qual é a sua missão? Se a sua missão for ir para outro país, então talvez você não passe de um turista. Se a sua missão for ministrar noutro país, então você poderá não passar de um pastor transplantado. Mas se for especificamente preencher os requisitos de Mt 24:14 (proclamar o evangelho onde ainda não foi proclamado), então você é um missionário.

Notas -

MISSÕES MUNDIAIS II

Notas -

5. Barreiras culturais.

a. Barreiras linguísticas.

- 1) A língua constitui a barreira mais óbvia e fundamental na divulgação do evangelho.
- 2) Actualmente, existem no mundo mais de 7.000 línguas diferentes.

b. Barreiras sociais.

- 1) As diferenças sociais separam as pessoas tal como o fazem as línguas.
- 2) As diferenças de raça, ocupação, educação, economia e religião são apenas algumas das barreiras sociais a considerar.

c. Rivalidades são preconceitos. A discriminação de um grupo contra outro pode impedir a divulgação do evangelho.

6. Ultrapassando barreiras culturais.

a. Actos 1:8 refere-se a mais do que um avanço geográfico da divulgação do evangelho. Refere-se também a um avanço cultural gradual.

- 1) Não era fácil para os judeus levar o evangelho aos samaritanos.
- 2) Havia muitas barreiras culturais, sendo o intenso ódio mútuo uma das maiores.

b. Nos casos em que existe preconceito, será melhor enviar alguém para evangelizar que esteja culturalmente mais afastado do grupo-alvo.

Ilustração do autor

Em termos norte-americanos, será melhor um “Johnson” evangelizar um “Hatfield” do que um “McCoy” evangelizar um “Hatfield”. (Estes nomes referem-se a dois grupos de famílias que viveram em conflito durante anos ao longo da história americana).

MISSÕES MUNDIAIS II

Notas -

Insira a sua ilustração:

- c. Quando não há preconceito, é quase sempre mais eficaz enviar alguém que esteja culturalmente mais próximo do grupo-alvo para o evangelizar.

Ilustração do autor

No caso da Guatemala, é mais fácil para um Ladino evangelizar um índio Chorti do que para um russo evangelizar a mesma pessoa.

O russo estaria a fazer evangelismo E-3, pois teria de ultrapassar duas barreiras linguísticas (Espanhol e Chorti).

O ladino estaria a fazer evangelismo E-2, pois só teria de ultrapassar uma única barreira linguística (Chorti).

Insira a sua ilustração:

- d. A prioridade.
- 1) Os missiologistas estimam que haja 11.000 grupos não atingidos na altura em que foi escrito este curso (1994).
 - 2) As missões de “fronteira” ou “directas” devem ser a prioridade da Igreja.

MISSÕES MUNDIAIS II

Notas -

B. Povos não-alcançados: As mega-esferas budista e chinesa.

1. Em todo o mundo há povos “escondidos” que ainda não foram alcançados pelo evangelho. Existem também “blocos” principais de povos que não foram ainda totalmente alcançados.
2. A mega-esfera budista.
 - a. Esta religião foi fundada por Buda no século VI antes de Cristo. Hoje, o budismo tem 235 milhões de seguidores, cuja maioria vive no Extremo Oriente.
 - b. O budismo tem as suas raízes no hinduísmo. Trata-se de uma tentativa filosófica para estabelecer um método através do qual o homem possa aperfeiçoar-se e, portanto, salvar-se a si próprio.
 - 1) Para escapar ao sofrimento, o homem deve destruir os seus desejos egoístas.
 - 2) Isto é feito através da abnegação pessoal e da reencarnação. Cada nova vida representa uma nova possibilidade para alcançar este alvo. O alvo é o estado de nulidade denominado de “Nirvana”.
 - 3) Historicamente, o cristianismo não tem avançado facilmente nas áreas do mundo em que predomina o budismo. Todavia, devido a guerras recentes e calamidades naturais as pessoas têm-se tornado mais abertas do que nunca antes ao evangelho.
3. A mega-esfera chinesa.
 - a. A maioria dos 1.2 biliões de chineses ainda vive na China.
 - b. Em 1949, a tomada de poder pelos comunistas resultou na expulsão de 10.000 missionários após trintas anos de perseguições, durante os quais a igreja se tornou ainda mais forte.
 - 1) A correlação positiva entre o crescimento da Igreja e as perseguições não devem ser uma surpresa.
 - 2) Esta ligação existe desde os tempos das perseguições sofridas pela Igreja Primitiva e consta de toda a História da Igreja.

MISSÕES MUNDIAIS II

c. Alcançar o povo chinês na China é uma tarefa difícil.

Notas -

- 1) A China é um país socialista. Isto significa que o ateísmo marxista tem sido inculcado no povo.
- 2) A China está sujeita a muitas mudanças. É difícil fazer planos a curto prazo porque as coisas podem alterar-se repentinamente. A pouca liberdade que os cristãos poderão estar a gozar actualmente pode ser-lhes tirada da noite para o dia. Não há qualquer sentido de estabilidade.
- 3) Contudo, há muitos cristãos na China. Os relatórios indicam um número entre 10 a 100 milhões (as estimativas actuais dizem que há 70 milhões de cristãos na China). Ao planear estratégias para a China, devemos procurar trabalhar com a igreja cristã já existente no país a fim de os ajudar a alcançar o seu próprio povo.

C. As mega-esferas hindu, muçulmana e tribal.

1. A mega-esfera hindu.

- a. A religião hindu tem 4000 anos, sendo a religião da maioria dos 850 milhões de habitantes da Índia (cerca de 600 milhões de pessoas).
- b. Está organizada num sistema de castas, o qual divide o povo em 3000 grupos distintos. Existem ainda várias formas de hinduísmo.
 - 1) O hinduísmo religioso.
 - a) Os seus adeptos acreditam na encarnação de muitos deuses, podendo adorar quaisquer dos 330 milhões de deuses identificados.
 - b) A salvação vem através do conhecimento, da devoção e das boas obras.
 - 2) O hinduísmo popular - tal como o hinduísmo tribal, é uma mistura de crença hindu e animismo.
 - 3) Existem muitas outras formas de hinduísmo. O próprio hinduísmo é uma mistura de muitas crenças e práticas, sendo difícil defini-lo como uma religião.

MISSÕES MUNDIAIS II

Notas -

- c. O povo hindu é difícil de ser evangelizado. Seguem-se algumas sugestões para o evangelismo entre os hindus:
 - 1) Concentre-se nas castas mais baixas, pois são mais abertas à mensagem do evangelho (contudo, não se esqueça de que todas as castas precisam ouvir o evangelho).
 - 2) Evangelize de acordo com o sistema de castas. Evangelize, faça novos convertidos e forme igrejas dentro da estrutura social existente.
 - 3) Concentre-se na contextualização. Não tente impingir a cultura e teologia ocidentais aos indianos.
- 2. A mega-esfera muçulmana.
 - a. Os 900 milhões de seguidores do islamismo encontram-se espalhados desde o Norte de África até às ilhas da Indonésia.
 - b. O Islamismo foi fundado por Maomé no séc. VII d.C. A religião espalhou-se rapidamente através das “jihad” ou “guerras santas”. Os muçulmanos conquistaram muitas terras e praticamente obrigaram os habitantes destas terras a converterem-se ao islamismo.
 - c. No século XI tiveram início as Cruzadas. Foi uma tentativa da Europa cristã de conquistar as terras que tinham perdido para os muçulmanos muitos séculos antes. Infelizmente, o sentimento de amargura que os muçulmanos ganharam contra os cristãos por causa das Cruzadas perdura até hoje. Isto faz com que seja muito difícil evangelizá-los.
 - d. A religião islâmica crê num único Deus soberano; utiliza a Bíblia como um dos seus livros sagrados e considera Jesus um grande Profeta. Todavia, o Corão é mais importante do que a Bíblia e Maomé é mais importante do que Jesus.
 - e. No mundo muçulmano tem havido muitos conflitos ultimamente. Os conflitos geram muitas vezes uma abertura para a mudança. Talvez seja agora o tempo de Deus para alcançar os muçulmanos.
 - f. É preciso não esquecer que o Islamismo contém diversas macro-esferas:
 - 1) Há muçulmanos religiosos, místicos e seculares.
 - 2) Há muçulmanos asiáticos, africanos e árabes.
 - 3) Há muitas formas diferentes de Islamismo (Shias e Sunnis).

MISSÕES MUNDIAIS II

3. A mega-esfera tribal.

- a. Os povos tribais são aqueles que não seguem nenhuma das principais religiões do mundo e praticam o animismo (adoração de espíritos e objectos inanimados como árvores e pedras).
- b. Estima-se que existam 6.000 grupos tribais em todo o mundo.
- c. Muitas vezes, os povos tribais reagem muito bem ao evangelho.
- d. Segue-se uma lista de ideias relativas à evangelização de povos tribais:
 - 1) Sobretudo com povos tribais, deve fazer-se uma clara separação do passado. Isto ajudará a evitar o sincretismo (mistura de cristianismo com a antiga religião).
 - 2) Concentre-se em grupos e não em conversões individuais. Evangelize grupos de pessoas. Os povos tribais muitas vezes tomam decisões em grupo.
 - 3) Contextualize o evangelho. Use tanto quanto possível formas de arte cultural.
 - 4) Utilize o forte sentido de comunidade que as pessoas de grupos tribais possuem para encorajar a comunhão nas igrejas.

Notas -

O Grande Desequilíbrio nas Missões

Actualmente, apenas 9% do potencial missionário está a ser usado para alcançar os povos do mundo que ainda não foram alcançados. Todavia, alguns missiologistas estimam que mais de 75% dos grupos não foram ainda alcançados.

Se isto for verdade, então estamos a usar 91% do nosso potencial missionário para trabalhar junto dos 25% de povos do mundo que já foram alcançados. Estamos a usar apenas 9% do nosso potencial missionário para alcançar os 75% dos povos que ainda não foram alcançados.

MISSÕES MUNDIAIS II

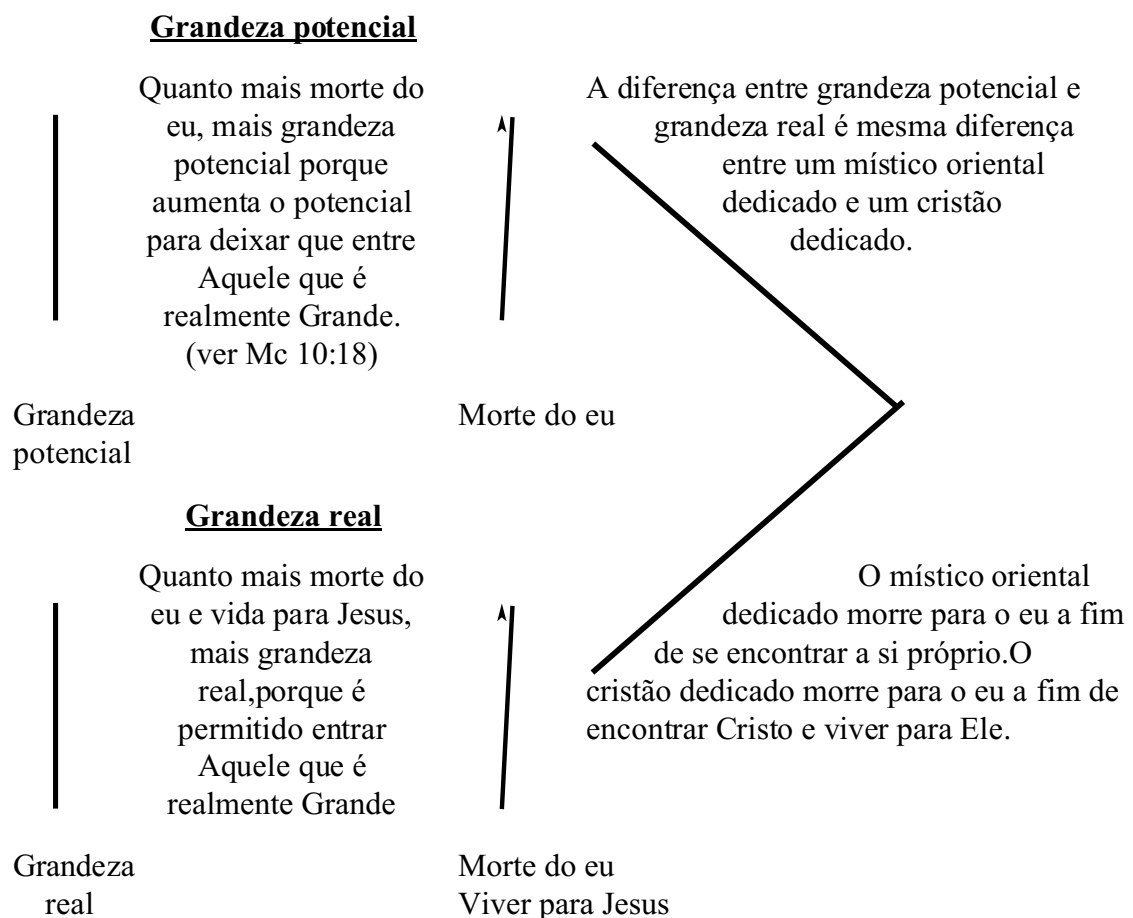
Notas -

D. Conclusão - A tarefa restante.

1. As religiões místicas orientais.
 - a. Muitos aspectos do budismo, hinduísmo e certas religiões chinesas parecem semelhantes ao cristianismo. Falam de morte do ego, sacrifício e abnegação pessoal. São tão extremistas nestes aspectos que algumas pessoas já têm dito coisas como: “Ghandi era melhor cristão do que a maioria dos cristãos, mesmo sem ser cristão!”
 - b. Devemos lembrar-nos de que existe uma diferença entre grandeza potencial e grandeza real. Para termos uma grandeza real, é preciso que Aquele que é o ÚNICO realmente GRANDE, Jesus Cristo, viva em nós. Para que isto se torne possível, devemos morrer para nós próprios. É isto que torna a grandeza possível. Porém, se Jesus não entra em nós, há apenas uma potencial grandeza.

Ponto para discussão

Considere 1Tm 4:7. Utilize o seguinte diagrama para promover um debate e compreensão da realidade que envolve as religiões místicas orientais.



MISSÕES MUNDIAIS II

2. Todas as religiões do mundo.

Notas -

a. Definitivamente, existem apenas duas religiões.

1) A religião que confia em Deus para a salvação (cristianismo).

2) A religião que confia no homem para a salvação (todas as religiões do mundo).

b. O cristianismo é a única religião que confia em Deus para a salvação. Todas as outras religiões têm algo em comum - confiam no homem para a salvação.

1) É a diferença entre salvação pela fé e salvação pelas obras.

2) A razão pela qual há muitas religiões diferentes deve-se às muitas maneiras de se trabalhar pela salvação.

c. Com esta compreensão geral, como podemos desenvolver uma **estratégia** de evangelismo para os povos do mundo?

1) A diferença mais básica entre o cristianismo e todas as outras religiões é que o cristianismo afirma haver salvação através da fé no que Deus fez. Deus já providenciou a salvação e pô-la à disposição do homem. O homem só precisa recebê-la, não tendo de trabalhar para a obter, pois não é capaz. Deus já fez a obra.

2) Isto significa que o cristianismo tem dois elementos essenciais para oferecer a todas as pessoas:

a) Perdão dos pecados (porque Deus providenciou o perdão).

b) Relacionamento com Deus (porque Deus já providenciou o caminho através do qual o homem pode reconciliar-se com Deus).

MISSÕES MUNDIAIS II

Notas -

- 3) Nenhuma das outras religiões do mundo pode fornecer estes dois elementos, porque todas propõem uma forma de salvação pelas obras.
 - a) Os crentes das falsas religiões têm de **esperar** para ver se as suas obras são suficientes para obterem o perdão. Eles não podem conhecer o perdão agora porque o perdão depende deles e porque não estão cientes de como é inútil tentar-se merecer o perdão.
 - b) Eles têm de esperar para terem um relacionamento com Deus, pois isto depende do resultado do factor do perdão.
- 4) A nossa estratégia deve basear-se nesta compreensão. Todo o ser humano anseia por perdão e por ter um relacionamento com Deus. A verdade é que as religiões do mundo não fornecem um caminho para os obter, mas o cristianismo fornece este caminho. É aqui onde o evangelismo começa e termina.
 - a) Um muçulmano, por exemplo, poderá discutir consigo desde a manhã até à noite, mas se lhe perguntar se já foi perdoado, ele ficará sem palavras. Ele será incapaz de responder a esta pergunta. O cristão tem de lhe apresentar o perdão através da pregação do evangelho.
 - b) O mesmo aplica-se quanto ao relacionamento com Deus. Contam-se histórias de muçulmanos que passaram três dias a bater com a cabeça numa mesa a tentarem comunicar com Deus. A sua religião não promove qualquer caminho para um relacionamento com Deus. Eles sentem-se desesperados.

MISSÕES MUNDIAIS II

III. Alcançar os não-alcançados.

Notas -

A. As quatro estratégias das missões.

1. Os alvos correctos (ver Mt 28:19-20).
 - a. Temos aqui três palavras que implicam acção (verbos):
 - 1) Ide.
 - 2) Ensinai todas as nações (ou “fazei discípulos”).
 - 3) Baptizando.
 - 4) Ensinando (a guardar).
 - b. Dois verbos estão na forma imperativa: “Ide” e “Ensinai” (ou “fazei” discípulos).
 - c. Os outros dois verbos estão no gerúndio (“Baptizando” e “Ensinando”).
 - d. Portanto, o alvo correcto das missões é “ir” e “fazer” discípulos. As outras acções não constituem o alvo das missões. São apenas métodos que podem ser usados para atingir o alvo (ver Mc 16:15, 16; Lc 24:47, 48; Jo 20:21; At 1:8). Estes repetem-se e acrescentam métodos que podem ser utilizados para alcançar o alvo de fazer discípulos.
 - e. Uma estratégia para cumprir a Grande Comissão deve considerar a diferença entre métodos e alvos. A pregação não pode ser o alvo. É um método para alcançar o alvo; apenas um método.
 - 1) Infelizmente, muitos missionários não dão muita importância ao alvo; estão mais preocupados com o método. Alguns contentam-se em apenas IR para um outro país. Pensam que isto são missões.
 - 2) Devemos lembrar-nos de que as missões têm uma “missão”. Se não conseguimos definir qual é a MISSÃO, então, provavelmente, não somos missionários. De acordo com Mt 28, as missões estão mais viradas para a acção do que para o espaço geográfico.

MISSÕES MUNDIAIS II

Notas -

- f. Isto pressupõe uma colaboração com outras partes do corpo de Cristo. Uma pessoa sozinha não pode fazer tudo o que é necessário para alcançar o alvo. Alguns pregam, outros ensinam, outros organizam, outros pastoreiam, etc. A **missão** de um missionário deve realizar-se claramente em conjunto com outros no sentido de fazer discípulos.
- g. O que significa fazer discípulos?
 - 1) Não significa fazer alguém orar. Significa ver pessoas tornar-se novas criaturas (seguidores de Jesus).
 - a) Lembre-se: Os discípulos estiveram com Jesus durante três anos, mas foram chamados de discípulos logo após começarem a segui-Lo (Mc 2:14-16).
 - b) Como podemos saber se alguém é um discípulo? Através de uma mudança de vida e de prioridades (ver At 2:41, 42 e Jo 13:35).
 - 2) Não é o mesmo que “discipulado”. Isto ultrapassa o alvo da Grande Comissão.
 - a) Repare-se que um dos métodos usados para fazer discípulos (novas criaturas/seguidores de Jesus) em Mt 28 é o ensino. Note-se ainda que Jesus ensinou a “observar” e guardar os Seus mandamentos. Os mandamentos de Jesus não são todos ensinados. Isto está além do alvo da Grande Comissão e acontece após ter-se cumprido o objectivo da Grande Comissão.
 - b) Utilizando o modelo de Paulo, podemos verificar que isto foi feito de modo natural, permitindo à igreja local realizar o discipulado. O missionário simplesmente ensinou que, para ser um discípulo (lembre-se: O alvo do missionário é fazer discípulos), é necessário obedecer os mandamentos de Jesus.

Ponto para discussão

Considere e discuta as implicações da estratégia de missões. Estão os missionários a demorar-se mais do que deviam no mesmo lugar? Estarão eles a ultrapassar o alvo da Grande Comissão quando permanecem no mesmo lugar ano após ano?

MISSÕES MUNDIAIS II

2. O lugar certo na altura certa.

Notas -

- a. Um agricultor entende o que se poderia chamar de “visão do fruto”.
- b. O seu alvo não é plantar sementes. Isto é apenas um método para alcançar o seu alvo. O seu alvo é produzir fruto.

1) A visão no semear (ver Lc 8:4-15).

- a) A parábola do semeador é um exemplo.

- (1) Um agricultor espalhou a semente em quatro tipos diferentes de solo. Apenas um solo produziu fruto.
- (2) A diferença não estava na semente ou no agricultor. A diferença estava no solo.

- b) O mesmo acontece com as missões.

- (1) Algumas pessoas são mais receptivas ao evangelho do que outras. Eles serão uma prioridade se o missionário mantiver a “visão do fruto”.
- (2) Há uma estratégia no destino. Esta parte da estratégia de missões chama-se “o lugar certo”.

2) A visão na poda (ver Lc 13:6-9).

- a) O agricultor não trata as árvores com sentimentalismos. Se uma determinada árvore não dá fruto, então é simplesmente cortada (ainda que tenha uma ótima aparência).
- b) Os empregados do agricultor não querem cortar a árvore. Estão preocupados com os seus ordenados. Eles não têm a “visão do fruto”.
- c) O mesmo acontece com as missões.
 - (1) Existem muitos grandes projectos e programas missionários. Parecem grandes mas não dão fruto. Quando isto acontece, há que alterar o programa.

MISSÕES MUNDIAIS II

Notas -

- (2) Infelizmente, alguns missionários são como mercenários. Preocupam-se somente com o programa e descuram o alvo. Lembre-se: Temos de olhar para as missões em termos de missão. Qual é o alvo?
- 3) A visão na colheita (ver Mt 9:37, 38).
 - a) Note-se que o desafio de orar por ceifeiros é especificamente por ceifeiros que vão fazer a colheita. A colheita refere-se ao “tempo certo” A colheita faz-se numa determinada altura.
 - b) O desafio refere-se também a uma concentração de trabalho. A maioria das pessoas que trabalham na apanha das maçãs são colocadas nos campos onde há um maior número de maçãs maduras. Nos outros campos, onde há menos maçãs maduras, são colocadas menos pessoas.
 - c) Acontece o mesmo com as missões.
 - (1) Alguns povos não são receptivos. Alguns missionários devem trabalhar fielmente junto de tais povos até que haja um desenvolvimento significativo. Porém, devem ir mais missionários para os povos mais receptivos.
 - (2) Examine o contexto de Mt 9:37, 38. Repare-se que Jesus envia os Seus próprios ceifeiros em Mt 10. Ele envia-os aos judeus. Porquê? Porque são maçãs maduras prontas para a apanha (salvação). Os samaritanos e os gentios amadureceriam mais tarde. A prioridade é dada àqueles que já estão prontos para a colheita.
- 3. Os métodos correctos.
 - a. Se há muito trabalho e pouco fruto, temos dois problemas possíveis. Ou estamos a trabalhar em campos que ainda não estão prontos (o fruto não está maduro) ou estamos a utilizar o método errado num campo que já está pronto para a sega.
 - b. Mudança de métodos. Métodos diferentes devem ser aplicados em situações diferentes. Em todo o caso, podemos verificar coerência na metodologia. Infelizmente, muitas vezes é comum persistir-se no método errado.
 - 1) Não usar a linguagem correcta. A linguagem do povo é sempre a

MISSÕES MUNDIAIS II

- 2) Misturar pessoas. É importante formar “grupos homogêneos”.
- 3) Evangelizar apenas individualmente. É preciso saber-se que, em muitas partes do mundo, as decisões são tomadas em grupo.
- 4. As pessoas certas.
 - a. Deus utiliza o Seu povo para colher o fruto.
 - b. O Seu povo deve ser:
 - 1) Cheio do Espírito Santo (note-se que Jesus não permitiu que os Seus discípulos comesçassem a obra missionária até que fossem cheios “do poder do alto” [Lc 24:29]).
 - 2) Cheios de dedicação a Jesus.
 - 3) Cheios da vida da Cruz.

B. Movimentos de pessoas.

- 1. Muitos povos do mundo que não foram “ocidentalizados” continuam a viver em culturas onde a comunidade é mais importante do que o indivíduo.
 - a. O envagelismo individual não se adequa a tais culturas.
 - b. Muitas vezes, não há eficácia, porque:
 - 1) As pessoas tomam decisões em grupo.
 - 2) Conversão significa tornar-se órfão; separar-se da comunidade.
 - 3) Um convertido é visto como alguém que “nos” deixou para se juntar a “eles”.
 - 4) O evangelho é visto como algo de fora. Isto faz com que se torne cada vez mais difícil levar alguém a converter-se. Os convertidos já existentes enfrentam dificuldades e crescem devagar na fé porque foram retirados do seu ambiente e cultura originais.

Notas -

MISSÕES MUNDIAIS II

Notas -

2. Muitos povos do mundo precisam ser evangelizados através do evangelismo em grupo.
 - a. O produto deste tipo de evangelismo é denominado de “movimentos de pessoas”.
 - b. Donald McGravan sugere sete princípios a serem utilizados no evangelismo do tipo movimento de pessoas.⁵
 - 1) Seja claro acerca do alvo. O alvo é organizar um grupo compacto de congregações autóctones crescentes, em que cada membro permaneça intimamente em contacto com a sua parentela”.
 - 2) Há que concentrar num grupo de pessoas claramente definido.
 - 3) Os convertidos devem ser encorajados a permanecerem unidos ao seu povo de tantas formas quantas forem possíveis.
 - 4) Promova decisões por Cristo em grupo.
 - 5) Continue o puro trabalho de pioneiro. Não tente assumir o trabalho de discipulado (deixe que os convertidos discipulem o seu próprio povo). Confie no Espírito Santo como fez Paulo. Esteja pronto para mudar para outras áreas onde os membros deste mesmo grupo ainda não tenham sido alcançados. Instrua os convertidos que fez a continuarem o mesmo trabalho. Prossiga com o **trabalho** de missões.
 - 6) O mais importante é que os novos cristãos permaneçam junto da sua tribo, pois assim serão melhores tribais e ajudarão os outros a sê-lo também.
 - 7) Enfatize a fraternidade. Esta é a dinâmica que eventualmente será utilizada para multiplicar o movimento de pessoas.

C. A estratégia da solução ímpar.

1. Diferentes situações requerem estratégias diferentes. Como se desenvolvem estas estratégias ímpares?
 - a. Em primeiro lugar, é necessário conhecermos o povo, ou mais importante ainda, conhecermos as suas necessidades à medida em que os conhecemos. Para fazermos isto, precisamos responder a algumas perguntas básicas.

MISSÕES MUNDIAIS II

- 1) Onde estão eles? Onde vivem?
- 2) Porque são considerados um grupo de pessoas?
- 3) O que torna este grupo de pessoas diferente dos outros?
 - a) A língua.
 - b) A cultura.
 - c) A estrutura social.
 - d) A profissão (trabalho).
 - e) O nível económico.
- 4) Onde se encontram na sua caminhada em direcção a Cristo?
 - a) Podemos utilizar aqui a escala de Engel. A escala de Engel é um meio para identificar pessoas no seu nível de consciência do evangelho.⁶
 - b) Os níveis da escala de Engel são:
 - (1) Nenhuma consciência do evangelho.
 - (2) Contacto inicial com o evangelho.
 - (3) Compreende as características básicas do evangelho.
 - (4) Compreende o evangelho e o caminho da salvação.
 - (5) Está a aumentar o conhecimento que tem da Bíblia.
 - c) A seguir, o nível de consciência é comparado com uma diversidade de atitudes.
 - (1) Negativa.
 - (2) Neutral.
 - (3) Positiva.

Notas -

MISSÕES MUNDIAIS II

Notas -

- d) Estes níveis são traçados num gráfico, o qual pode ser usado para examinar o caminhar das pessoas em direcção a Cristo.
 - e) A estratégia a usar dependerá da nossa avaliação de onde as pessoas se encontram na sua caminhada em direcção a Cristo.
- 5) Qual o grau de receptividade ao evangelho que apresentam?
 - a) Há que considerar vários casos para se responder a esta pergunta.
 - b) Podemos usar a escala de resistência/receptividade (que vai de “grande resistência” a “grande receptividade”) para definir uma resposta.⁷
- b. A seguir, precisamos de passar por um processo de planeamento. Podemos utilizar as cinco perguntas seguintes como ajuda neste processo. Lembre-se, sendo um processo, uma pergunta leva a outra e a última remete à primeira.
 - 1) Quais são as pessoas que Deus deseja usar?
 - 2) Como são essas pessoas?
 - 3) Quem deverá alcançá-las?
 - 4) Como deverão elas ser alcançadas?
 - 5) Qual será o resultado?
- 2. O evangelismo é um mistério (Jo 3:8).
 - a. É um mistério como Deus se move entre as pessoas e as transforma. Por vezes, os resultados podem ser vistos, mas o processo não é claro.
 - b. É um mistério que Deus use os homens para fazer isto.
 - c. Mistério e planificação não são compatíveis. Todavia, devemos planear. Parte do ministério do evangelismo é que o Espírito Santo pode guiar-nos na formação de planos.
- 3. Mais importante ainda, a estratégia da solução ímpar responde a problemas reais e práticos que as pessoas enfrentam, oferecendo a solução do evangelho para estes problemas.

MISSÕES MUNDIAIS II

Comentário do autor:

Utilizando as ideias e conceitos deste capítulo, o professor deverá atribuir uma tarefa aos alunos no final do capítulo. Tente fazê-lo da forma mais prática possível. Utilize um grupo de pessoas que haja na vossa área ou algum que interesse aos alunos. Talvez os alunos possam pesquisar informações acerca do grupo.

Notas -

IV. Evangelismo, desenvolvimento e implantação de igrejas.

A. Evangelismo.

1. Métodos de evangelismo.

- a. Às vezes, o método é tão importante como a mensagem. Um método ineficaz pode resultar em que as pessoas nunca ouçam a mensagem. Se o mensageiro não puder ser entendido, então a mensagem também não será entendida.
- b. Por exemplo, a família constitui uma força social muito poderosa na China.
 - 1) Uma estratégia que utiliza famílias para evangelizar famílias seria muito mais eficaz do que uma estratégia que utiliza mulheres solteiras para evangelizar famílias.
 - 2) Este exemplo é coerente com o seguinte princípio do evangelho. O evangelho divulga-se mais facilmente dentro de estruturas sociais já existentes. Existem muitas outras áreas onde a família representa a parte mais potente da estrutura social.
- c. É difícil para os ocidentais individualistas compreender a importância das decisões em grupo.

Ponto para discussão

Discuta as diferenças entre as seguintes cosmovisões:
Os ocidentais argumentam: “Penso, logo existo”.
Outros povos do mundo diriam: “Participo, logo existo”.

MISSÕES MUNDIAIS II

Notas -

- 1) Em muitas culturas, a identidade é baseada na participação em grupo.
 - 2) Nestes tipos de culturas, é mais eficaz evangelizar tendo isto em mente.
 - 3) O mais importante é ser-se sensível a quem toma a decisão. Por exemplo, se o líder de uma tribo africana se converter, então toda a tribo se converterá.
2. O tema da família como beneficiários e agentes do evangelismo é muito comum em toda a Bíblia, conforme podemos verificar nas seguintes passagens:
- a. O conceito de família é muito forte (Ef 3:15; Ef 2:19; Gl 6:10; Cl 3:18-4:1; Ef 5:22-6:9; 1Pe 2:18-3:7).
 - b. A família promete lealdade a Deus (Js 24:15).
 - c. A família celebra os rituais ordenados por Deus (Ex 12:3, 4).
 - d. O ensino era ministrado dentro de unidades familiares (At 20:20).
 - e. Famílias eram evangelizadas e convertiam-se (At 10:7, 24; 16:15, 31-34; 18:8; 1Co 1:16; 16:15; Rm 16:23).
 - f. Famílias eram usadas para evangelizar (1Co 16:19; Rm 16:5).
 - g. Famílias eram usadas para alimentar os crentes com a Palavra (2Tm 1:16; 4:19; Co 4:15).

B. Desenvolvimento.

1. Durante o Seu ministério terreno, Cristo satisfaz necessidades físicas e espirituais. A Igreja deve fazer o mesmo.
 - a. O “evangelho social” (há aqui uma forte ênfase na satisfação das necessidades físicas e sociais) não está em conflito com o “evangelho evangélico” (onde há uma forte ênfase na satisfação das necessidades espirituais). Ambos caminham juntos.
 - b. Muitas vezes, Deus utiliza o evangelho social como uma forma de introduzir ou apresentar o evangelho evangélico. Quando uma necessidade física é satisfeita, abre-se uma porta para que se possa partilhar a mensagem do evangelho (verifique este tipo de desenvolvimento em Actos 3).

MISSÕES MUNDIAIS II

- c. Muitas vezes, Deus utiliza o evangelho evangélico como uma forma de introduzir ou apresentar o evangelho social. Ou seja, Ele satisfaz necessidades físicas como um modo de aplicar e fundamentar a Sua capacidade para satisfazer necessidades espirituais (examine as implicações de Mc 16:20).
- 2. Muitas vezes, o evangelho social torna-se a via pela qual o evangelho evangélico é apresentado. Em muitos casos, a única maneira de entrar numa comunidade é oferecendo ajuda social.
- 3. Mais importante ainda, a ajuda social é uma forma muito natural de se penetrar numa cultura. Uma equipa de implantação de igrejas pode ser assimilada numa determinada cultura sem representar uma ameaça. Após se terem estabelecido na comunidade, serão mais eficazes em atingir os seus propósitos evangelísticos.
- 4. Quatro estratégias diferentes de desenvolvimento.
 - a. As duas primeiras estratégias concentram-se nas estruturas de uma sociedade.
 - 1) Estratégia de crescimento económico.
 - a) A ajuda vem do exterior para transformar a estrutura económica de um país.
 - b) Por exemplo, outros países podem oferecer aos países mais pobres regras de comércio mais favoráveis.
 - 2) Estratégia de emancipação política - a mudança vem de dentro numa tentativa de transformar a estrutura do governo.

Notas -

MISSÕES MUNDIAIS II

Notas -

- b. As duas últimas estruturas concentram-se nas carências de uma sociedade.
 - 1) Estratégia de auxílio humanitário - a ajuda vem de fora para trazer auxílio humanitário a pessoas que se encontram a viver em situações de desespero.
 - 2) Estratégia de desenvolvimento comunitário.
 - a) A ajuda vem de dentro para ajudar as pessoas a auto-ajudarem-se.
 - b) Por exemplo, alguém poderá abrir um centro de saúde e ensinar os habitantes locais como prestar cuidados primários de saúde.
 - c. Estas quatro estratégias podem ser usadas por organizações cristãs. Todavia, em termos de implantação de igrejas, o desenvolvimento comunitário é a estratégia mais adequada.
5. Vários factores de desenvolvimento físico.
- a. Água.
 - b. Higiene.
 - c. Alimentação.
 - d. Combustíveis.
 - e. Saúde.
 - f. Abrigo e vestuário.
 - g. Produção de receitas.
 - h. Educação.
 - i. Comunicações e transportes.

Ponto para discussão

Considere como o desenvolvimento comunitário em algumas destas áreas de carência poderia servir como um meio através do qual a equipa de implantação de igrejas pudesse levar bênção à comunidade, enquanto vai obtendo terreno para a evangelização.

Considere ainda de que forma um conceito de equipa pode ser utilizado onde profissionais especializados possam unir-se aos ministérios com dons específicos.

MISSÕES MUNDIAIS II

C. Implantação de igrejas.

Notas -

1. A multiplicação espontânea de igrejas é um método de implantação de igrejas divulgado por George Patterson.⁸
 - a. O simples facto de IRMOS (para outro país) não significa que estamos a obedecer a Cristo.
 - b. Temos de IR a fim de multiplicar e reproduzir.
 - c. É muito importante a maneira como implantamos igrejas. Se as implantamos de maneira a que possam crescer naturalmente (como plantas), então elas reproduzir-se-ão normalmente (ver Mt 13; Mc 4:26-29; Jo 15:1-6).
2. George Patterson multiplicou igrejas desta maneira em Honduras.
 - a. Em vez de usar um instituto bíblico tradicional, ele utilizou a educação teológica por extensão; levou o treinamento às pessoas em vez de fazer com que as pessoas fossem à escola bíblica.
 - b. Patterson apresenta quatro princípios a considerar quando se utiliza um programa de extensão para multiplicar igrejas.
 - 1) Observar os campos.
 - 2) Edificar o corpo.
 - 3) Ter a obediência como alvo.
 - 4) Criar condições para a multiplicação espontânea.
3. Princípio nº 1 - Observar os campos.
 - a. Defina a sua área de responsabilidade (ver Jo 4:35; 2Co 10:12-16).
 - 1) Onde está a trabalhar? Qual é a sua visão?
 - 2) Algumas pessoas dizem que têm visão, mas não têm uma definição. Elas têm visão para tudo, mas, na realidade, não são pessoas com visão. Tais pessoas não têm um objectivo.

MISSÕES MUNDIAIS II

Notas -

- 3) Pode-se ter falta de visão de duas maneiras:
 - a) Primeiro, pode-se simplesmente não ter qualquer visão.
 - b) Segundo, pode-se ter todas as visões. O resultado é que não tem visão nenhuma.
- b. Defina o tipo de igreja que pretende implantar.
 - 1) O que poderá fazer uma igreja que é capaz de se multiplicar?
 - 2) Conheça a diferença entre uma igreja e um local de pregação.
 - a) Um local de pregação é UM LUGAR onde as pessoas se reúnem para ouvir alguém pregar ou ensinar. Pode parecer uma igreja, com orações, canções, etc. Mas muito poucas pessoas são batizadas. A Ceia do Senhor é servida raramente. É difícil distinguir entre cristãos e não-cristãos. Não existe uma liderança local estabelecida. Geralmente é o missionário “quem manda”.
 - b) Uma igreja é UM CORPO de pessoas que não se define pelo lugar onde se reúne, mas pelo relacionamento que as pessoas têm umas com as outras. A liderança local é treinada e estabelecida. Patterson define uma igreja como “uma congregação de discípulos que obedecem aos mandamentos do Senhor Jesus Cristo”.
- c. Defina o caminho mais curto para se implantar uma igreja.
 - 1) Não tome medidas extras que sejam desnecessárias. Elas apenas levam a um maior controle por parte do missionário.
 - 2) Lembre-se: As igrejas crescem naturalmente quando são implantadas naturalmente. Deixe que a sua fé seja simples ao ponto de implantar uma igreja simples. Deus fará com que ela cresça naturalmente.
 - a) Este era o segredo do método do apóstolo Paulo. A sua fé simples permitia-lhe implantar uma igreja básica e depois partir. Ele confiava no crescimento natural das igrejas porque implantava um corpo e não um local. Além disso, Ele confiava no alimento nutritivo que o Espírito Santo podia dar à igreja recém-nascida.

MISSÕES MUNDIAIS II

- b) Implantadores de igrejas, como Paulo, não deveriam permanecer no mesmo lugar ano após ano. Se estiverem a implantar um corpo de crentes e a treinar uma liderança local para os substituir, então a igreja poderá ser implantada num espaço de tempo razoável.
- (1) Lembre-se: Quando dizemos “implantada”, estamos a falar de um núcleo de verdadeiros convertidos que estão a praticar a sua fé sob a orientação de líderes locais treinados.
- (2) Os implantadores bíblicos de igrejas edificam o Reino de Deus; passam pouco tempo a reproduzir-se. Há uma multiplicação.
- (3) Os outros implantadores de igreja edificam o seu próprio reino. Permanecem durante anos a fio, porque mantêm o controlo sobre os seus reinos, não se reproduzindo. São eles os únicos capazes de realizar o trabalho. Não há qualquer reprodução ou multiplicação.
- 3) Patterson apresenta os seguintes cinco passos que foram utilizados em Honduras.
- a) Inicialmente, testifique aos pais de família. A seguir, vá com eles testificar a amigos e parentes. Não realize cultos públicos até que os homens estejam treinados para os liderar.
- b) Baptize os novos crentes imediatamente após estes se arrependarem e converterem.
- c) Estabeleça uma diversidade de lideranças o mais cedo possível (At 14:23). Instrua estes líderes a ganhar o seu próprio povo para o Senhor e como pastoreá-los. Autorize-os a servir a Ceia do Senhor e a levar as pessoas a obedecer os mandamentos do Senhor. Eles ainda não devem pregar.
- d) Inicie treinamento extensivo com estes anciãos. Reúna-se com eles tantas vezes quantas forem possíveis até que eles estejam preparados para começar a agir.
- e) Forneça uma lista de mandamentos referente às actividades da igreja. Utilize esta lista como guia para treinar os anciãos.

Notas -

MISSÕES MUNDIAIS II

MISSÕES MUNDIAIS II

Notas -

- d. Defina o seu ministério.
 - 1) O que faz no seu ministério?
 - 2) Você deverá ser capaz de definir o seu ministério com uma frase concisa e específica.
 - a) Talvez necessite de alguns anos no campo missionário antes de poder fazê-lo.
 - b) Considere os dons que Deus lhe tem dado. Defina-os. Desenvolva-os. Mais importante do que qualquer outra coisa, use-os para amar os outros (Jo 17:26; 1Co 13:1-3).
- 4. Princípio nº 2 - Edifica o corpo.
 - a. Estude Ef 4:11, 12.
 - 1) Repare que o trabalho do ministro do evangelho é treinar os membros da Igreja para realizarem o ministério.
 - 2) A multiplicação é um processo.
 - b. Construa relacionamentos de amor e serviço entre os membros da igreja.
 - 1) A liderança da igreja deve ser treinada para renunciar ao ministério; deve ter a capacidade de renunciar e delegar autoridade e responsabilidade.
 - 2) Um líder fraco domina a sua congregação.
 - 3) Um líder forte promove relacionamentos entre todos os membros. Ele constrói uma rede de relacionamentos fortes.
 - a) Em nenhum caso ele tenta realizar todo o trabalho do ministério.
 - b) Ele treina a outros para fazerem a sua respectiva parte.

MISSÕES MUNDIAIS II

c. Ensine de forma a que os ensinamentos se multipliquem (ver 2Tm 2:2).

Notas -

1) Repare como Paulo promove a reprodução.

a) Primeiramente, ele instrui a Timóteo. Ambos têm um relacionamento muito próximo. Timóteo foi instruído como aprendiz. Ele foi instruído enquanto trabalhava ao lado de Paulo.

b) Agora, Timóteo tem de fazer o mesmo. Ele tem de instruir aqueles a quem treina para continuarem o processo de reprodução.

2) Deixe que os líderes naturais se manifestem. Não tente “fabricar” líderes.

3) Torne o treinamento prático.

a) O teste do aluno deve ser o seu ministério na igreja. O professor deverá observar de que maneira o aluno aplica os seus conhecimentos às situações reais da igreja.

b) O professor decide o que ensinar ao aluno segundo as necessidades da igreja na qual o aluno esteja a ministrar.

d. Construa relacionamentos entre igrejas.

1) Examine as seguintes passagens bíblicas, onde encontrará exemplos de bons relacionamentos entre igrejas: At 11:19-26; 11:29, 30; 14:26, 27; 15:1, 2, 28-31.

2) As igrejas mais novas e as igrejas mais velhas devem praticar a edificação mútua.

a) A igreja mais velha pode enviar um “obreiro extensivo” à igreja mais nova. O obreiro pode, desta forma, dar aulas extensivas tantas vezes quantas forem necessárias.

b) A igreja mais nova pode enviar um aluno-obreiro à igreja mais velha. O aluno-obreiro pode receber treinamento regularmente.

MISSÕES MUNDIAIS II

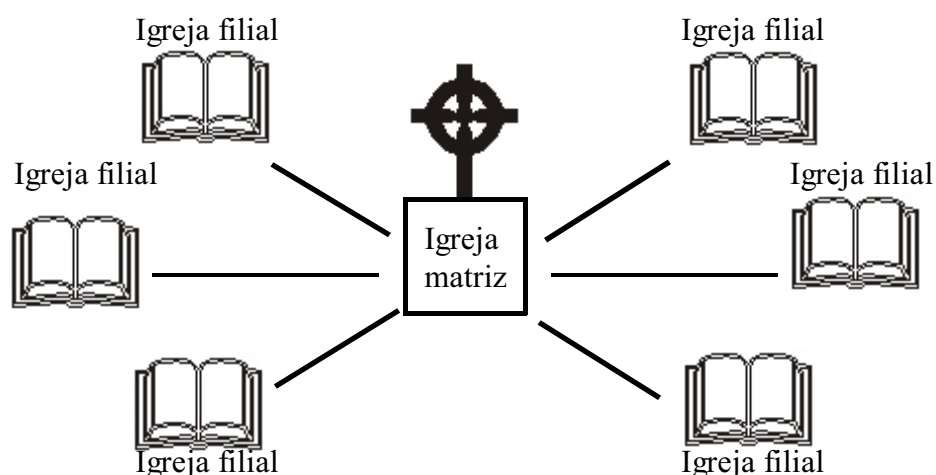
Notas -

- 3) O princípio da multiplicação e reprodução deve também ser praticado a este nível.
 - a) As igrejas mais velhas devem concentrar-se em desenvolver uma ou duas igrejas mais novas de cada vez.
 - b) Estas igrejas mais novas devem ser instruídas no sentido de repetirem o processo.
 - c) Não tente controlar as igrejas. Não permita que igrejas controlem igrejas.
 - d) Deixe que o Espírito dê crescimento espontâneo às igrejas. A motivação para a reprodução vem do próprio corpo. Isto significa que elas devem estar livres de controlo externo. A obra apostólica deve aprender a permitir que a nova igreja seja independente. Caso contrário, acabará por gerar um filho deficiente. O crescimento não será natural.

Ponto para discussão

Com base no seguinte diagrama, promova um debate sobre o princípio da reprodução. Tenha em mente que a qualidade é o ponto principal. A quantidade é o resultado da qualidade. Isto é coerente com os princípios bíblicos de crescimento (ver Lc 16:10; Mc 4:30-32).

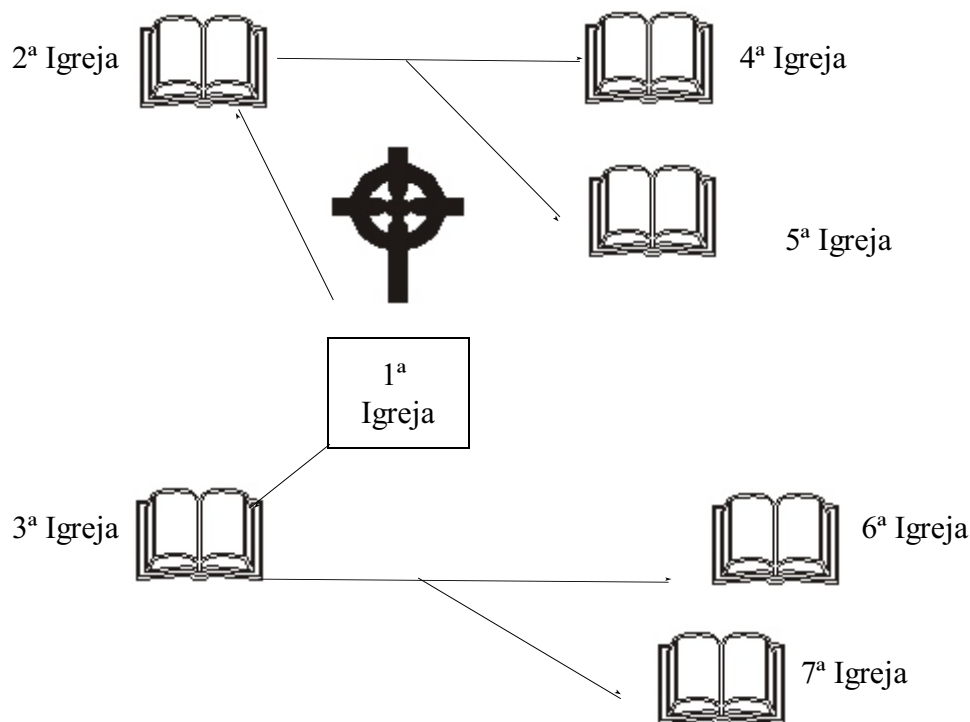
Uma estratégia ineficaz



Nota: A igreja “matriz” tenta fazer todo o trabalho do ministério. Edifica o seu próprio reino. O ponto principal é a quantidade e o controlo. As igrejas “filiais” são controladas pela igreja matriz.

MISSÕES MUNDIAIS II

Uma estratégia eficaz



Notas -

Nota: A primeira igreja concentra-se em implantar duas igrejas. Edifica o Reino de Deus. O ponto principal é qualidade e liberdade. As novas igrejas são livres para crescer e reproduzir-se naturalmente.

5. Princípio nº 5 - Ter a obediência como alvo.

- a. Defina os objectivos do evangelismo em termos de obediência.
 - 1) O alvo deve ser fazer discípulos que obedeçam ao Senhor Jesus.
 - 2) Devemos avaliar o nosso trabalho de acordo com este alvo. Os novos convertidos estão a obedecer e realizar os mandamentos de Jesus?
 - 3) Quais são os principais mandamentos a serem ensinados?
Patterson apresenta a seguinte lista:
 - a) Arrepende-se e crer (Mc 1:15).
 - b) Ser baptizado (At 2:38).
 - c) Amar (Jo 13:34).
 - d) Celebrar a Ceia do Senhor (Lc 22:17-20).

MISSÕES MUNDIAIS II

Notas -

- e) Orar (Jo 16:24).
- f) Dar (Mt 6:19-21).
- g) Testemunhar (Mt 28:18-20).
- 4) Ensina cada novo convertido a ser obediente a estes mandamentos.
- b. Define objectivos de educação teológica em termos de obediência.
 - 1) A acção deve ser o resultado. Deve haver um fruto visível resultante da educação.
 - 2) O alvo não pode ser simplesmente colocar algo na mente de um aluno. O aluno deve fazer alguma coisa prática com o que aprendeu.
- 6. Princípio nº 6 - Crie as condições para a multiplicação espontânea.
 - a. Estabeleça uma cadeia extensiva - o mais cedo possível, a igreja deverá enviar obreiros extensivos para implantar novas igrejas, as quais implantarão outras igrejas. O resultado será uma cadeia de igrejas.
 - b. Instrua os novos convertidos a evangelizar os seus parentes e amigos. Acompanhe-os quando forem evangelizar. Deixe-os evangelizar sozinhos.
 - c. Inclua os nacionais no processo de planeamento. Deixe que sejam eles a formar a estratégia de reprodução.
 - d. Falta de crescimento é sinal de problemas. O crescimento faz parte da natureza da Igreja.
 - e. Patterson indica 6 coisas que devem ser evitadas:
 - 1) Evite “rituais de decisão” (chamar à frente, levantar uma mão, etc.). Isto poderá ser muito estranho para certas culturas. Estes rituais de decisão também desviam a atenção da ênfase no arrependimento e substituem o baptismo como forma de Deus confirmar um novo crente.
 - 2) Evite protelar o baptismo (ver At 10:47, 48; 8:36, 37; 16:33).

MISSÕES MUNDIAIS II

- 3) Evite apoios financeiros a missionários. Patterson diz: “Nunca crie uma igreja dependente da ajuda de fora. Isto cria indignação, igrejas fracas e controlo missionário.
- 4) Evite atrasos. A igreja recém-implantada deverá começar a obedecer imediatamente à Grande Comissão.
- 5) Evite quebra de comunicação. Continue a comunicar com todas as igrejas da “cadeia extensiva”. Lembre-se: A comunicação não é igual ao controlo. É importante que quem implanta uma igreja mantenha o relacionamento com as igrejas. É igualmente importante que quem implanta uma igreja não controle as igrejas.
- 6) Evite forçar o crescimento. Não somos nós que fazemos a igreja crescer. Nós deixamos que ela cresça. Se a igreja for viva, crescerá naturalmente.

Notas -

V. Trabalho de equipa cristão a nível mundial.

A. Tornar-se parceiro de Deus.

1. Tornar-se um cristão mundial (de acordo com o investigador de missões David Bryant).
 - a. Desenvolva uma visão mundial.
 - 1) Veja o propósito mundial de Deus em Cristo.
 - 2) Veja um mundo repleto de possibilidades através de Cristo.
 - 3) Veja um mundo cheio de pessoas sem Cristo.
 - 4) Veja a sua parte na obra de Cristo.
 - b. Mantenha uma visão mundial.
 - 1) Seja um cristão mundial.
 - 2) Una-se a outros cristãos mundiais.
 - 3) Planeie obedecer à visão.

MISSÕES MUNDIAIS II

Notas -

- c. Obedeça a uma visão mundial.
 - 1) Obedeça à medida em que edifica regularmente a sua visão.
 - 2) Obedeça enquanto vai ao alcance directo das pessoas em amor.
 - 3) Obedeça ao mesmo tempo que partilha a sua visão com outros cristãos.
- 2. Obedecer à visão. O principal, mais compreensível e importante nível de obediência é a oração. Todos os cristãos podem orar pelos povos do mundo.
- 3. Estilo de vida cristão mundial. O estilo de vida muda porque o ponto central da vida muda. Querer-se-á dirigir os próprios recursos em benefício dos povos do mundo.

B. Tornar-se parceiro do povo de Deus.

- 1. Grupos-célula cristãos a nível mundial.
 - a. Procure e organize-se com outros cristãos a nível mundial. Forme grupos-célula que nutram a visão e a multipliquem.
 - 1) Apoiem-se mutuamente. Encorajem-se e desafiem-se mutuamente a manter a visão.
 - 2) O grupo-célula deverá ser uma fonte de informação sobre missões (eventos actuais, estatísticas, etc.).
 - 3) O planeamento pode ser feito no grupo-célula. Podem ser feitos planos específicos com respeito a como o grupo poderá obedecer à visão.
 - b. O grupo-célula deve influenciar toda a igreja; deve compartilhar a visão e desafiar os outros a que se envolvam.
- 2. O grupo-célula ou os seus membros individuais podem ser capazes de se unir a uma agência missionária adequada.
 - a. Os missionários individuais devem aprender a trabalhar em conjunto.
 - b. Através das agências missionárias, é comum que pessoas completamente estranhas entre si e oriundas de meios diversos tenham de trabalhar juntas. Deve-se desenvolver a comunhão entre as equipas de missionários.

MISSÕES MUNDIAIS II

C. Trabalho de equipa cristão a nível mundial.

1. Ultimamente tem parecido haver uma sensação fresca de cooperação internacional nas missões. Grupos diferentes de denominações e movimentos diversos estão a juntar-se para realizar a Grande Comissão.
2. Estão a coordenar os seus recursos nas áreas da educação, informação, finanças e assistência técnica. Grupos diferentes com ênfases distintas estão a unir-se sob o mesmo propósito. A Igreja está cada vez mais parecida com o CORPO DE CRISTO (Rm 12:4, 5).

Notas -

MISSÕES MUNDIAIS II

Notas -

World Missions II: Endnotes

¹ Lewis, Jonathan, ed. World Mission - Part II (Pasadena, CA: William Carey Library, 1987). O fluxo da maioria dos pontos do esboço deste curso foram adaptados directamente do curso Missão Mundial - Parte II. Usado com autorização.

² Winter, Ralph D., The Unfinished Task. Pasadena: William Carey Library, 1978.

³ Allen, Roland, Missionary Methods: St. Paul's or Ours? Grand Rapids: Eerdmans, 1962.

⁴ Dayton, Edward R., and Fraser, David A., Planning Strategies for World Evangelism. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1990, p. 4, 5.

⁵ McGavran, Donald, The Clash Between Christianity and Cultures. Grand Rapids: Baker Book House, 1974.

⁶ Engel, James F., Contemporary Christian Communications. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1979, pp. 182-183.

⁷ Dayton and Fraser, p. 129.

⁸ Patterson, George, A Church Planting Guide. Grand Rapids: Baker Book House, 1989.